

# Tecnologia, demografia e trabalho

» JOSÉ PASTORE

Professor da Universidade de São Paulo, presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP e membro da Academia Paulista de Letras

O mundo do trabalho passa por transformações dramáticas. Com a entrada acelerada de novas tecnologias nos processos de produzir e vender, empregos e atividades são destruídos, criados e transformados. No nível micro, a adoção de robôs provoca a dispensa de trabalhadores. Mas, no nível macro, os ganhos de produtividade decorrentes daquela adoção provocam aumento de lucros e de investimentos, o que gera empregos em outras áreas. E, nos dois casos, as profissões e as atividades deslocadas pelas inovações tecnológicas passam por enormes transformações.

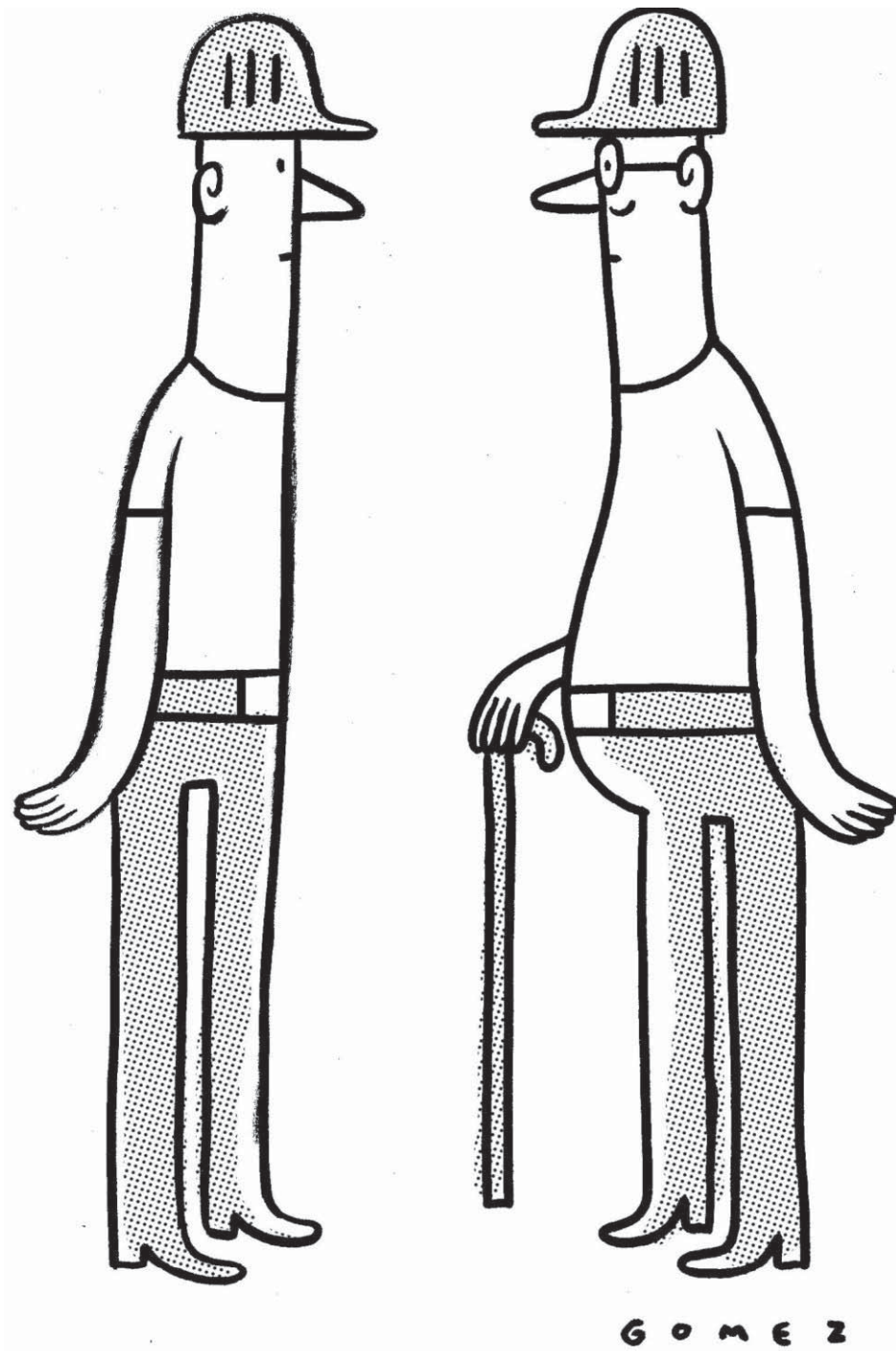
Os primeiros estudos sobre o assunto criaram grande ansiedade por mostrarem uma pavorosa destruição das profissões decorrente da adoção de robôs, inteligência artificial, impressão 3D, big data e outras inovações tecnológicas do mundo atual. Estudos posteriores e mais acurados mostraram que as profissões continuarão no futuro, mas as atividades realizadas pelos profissionais serão diferentes por força das novas tecnologias.

Ou seja: as novas tecnologias destroem, criam e transformam profissões e atividades. O grosso das mudanças ocorre no terreno das transformações e não da destruição ou criação. Mais do que isso, as principais mudanças ocorrem dentro das profissões e não entre elas. Se, por um lado, isso trouxe um alento em relação aos primeiros estudos, por outro, adicionou enorme desafio para as sociedades modernas, qual seja, o de criar mecanismos para ajustar os seres humanos nas atividades que mudam dia a dia por força das novas tecnologias. O desafio é enorme. É claro que parte dele pode ser enfrentada com uma melhoria substancial da educação básica, nos terrenos da linguagem, matemática e ciências que formam a base do pensamento.

Mas isso não é suficiente, porque as escolas convencionais não conseguem acompanhar a velocidade meteórica das mudanças tecnológicas. Surge, então, a busca do ensino profissional que tem mais velocidade. Mas, mundialmente, o ensino profissional carece de escala, pois esse tipo de educação é complexo, exige equipamentos e profissionais bem treinados, o que limita o alcance das matrículas e conclusões.

Para contornar os dois problemas — lentidão das escolas convencionais e curto alcance das escolas profissionais —, surgiram as soluções do ensino virtual que é ministrado a grandes massas e com velocidade compatível com as mudanças tecnológicas. Essa é a esperança do futuro, sem prejuízo da necessidade de melhorar a educação básica e ampliar o ensino profissional.

Mas mudanças velozes não se limitam ao mundo da tecnologia. As sociedades também estão envelhecendo velozmente. Estudos demográficos bastante robustos



mostram que, entre as crianças que nascem hoje na Europa, 50% viverão até 105 anos. Entre os jovens que têm 30 anos, 50% viverão até 97 anos e com saúde.

A pergunta é a seguinte: O que acontecerá com as pessoas que viverem até 95 anos cuja poupança termine aos 70 anos? Qual é o sistema previdenciário que aguentará aposentar pessoas aos 65 anos e mantê-las como dependentes até os 95? É inexorável. Os idosos saudáveis terão de trabalhar por mais tempo e no mundo digital, com uma imensidão de tecnologias diferentes a que nunca tiveram acesso. O desafio, portanto, será não apenas preparar os jovens, mas também os

idosos. Muitos países avançados já investem pesadamente na simplificação dos tablets e outras inovações e novas formas de treinamento para facilitar a inclusão dos idosos.

Aluz de tantos cenários desafiadores, tudo indica que países como o Brasil terão de mudar seu sistema de aposentadoria e treinamento de forma radical. A reforma da Previdência, hoje rejeitada por estabelecer a idade mínima de 65 anos, terá de ser rediscutida com idade mínima progressiva, com início aos 67 ou 69 anos, junto com sistemas de treinamento para ajustar os brasileiros às enormes transformações das profissões e das atividades que vêm pela frente.

## Venezuela em xeque

NEWTON CARLOS  
Jornalista

Em condições de tirar do poder por meios legais o presidente Nicolás Maduro, da Venezuela, a oposição real, e não a de um dissidente do chavismo visto com ceticismo, admite recorrer à solução militar, ao golpismo, em jargão político. Julio Borges, líder da oposição sem poder legal, uma vez que Maduro impõe leis em seu favor, pediu aos militares que “quebrem o silêncio”, pois a “imensa maioria de oficiais é contra o caos que assola a Venezuela”. Militares são citados como os únicos em condições de restabelecer a democracia na Venezuela. Analistas políticos, no entanto, dizem que um golpe de Estado é improvável devido aos ganhos mútuos de governo e militares.

Em meio à pior crise econômica da história moderna da Venezuela, além de pesquisas que mostram que ampla maioria dos venezuelanos estão contra Maduro, é fato que as Forças Armadas têm ajudado a mantê-lo no poder massacrando manifestações populares. Maduro criou, é inegável, uma estrutura militar que se tornou sua guarda palaciana. O general Vladimir Padrino Lopez, ministro da Defesa, não se sabe com que grau de autenticidade, como porta-voz dos quartéis, lhe deu “apoio militar”. Mas a oposição teria meios de tirá-lo do poder, mesmo sem ajuda dos quartéis, dizem as pesquisas, desde que

Maduro aceitasse realizar eleições livres, o que não seriam as de abril, das quais a oposição se retirou, ou mesmo pensasse em aceitá-las.

Procurando dizer que não se tornou nem pretende se tornar ditador, o general López trata de desfazer suposições a respeito de suas novas funções. O ministro da Defesa assumiu a chefia de um novo comando nacional, com a “grande missão” de administrar abastecimento “soberano e seguro”. Leia-se lotar prateleiras vazias. Os portos são ocupados por tropas sob sua chefia. A ele ficaram subordinados todos os outros ministros, ministérios e instituições do Estado. Na prática, diz a *Latin News*, o general Lopez passou a ter mais poderes do que o presidente.

Mortes, descontroles de fronteiras, sobretudo com a Colômbia, cruzadas diariamente por milhares de venezuelanos à procura de alimentos e de produtos de higiene, cujos suprimentos o governo procura normalizar à força. A oposição política fala de um grau “improcedente” de militarização, o que levou o general López a reiterar a negativa diante de câmeras de tevê. “Mas se trata, de fato, de completa militarização do governo”, insistiu Luis Manuel Esculpi, com a experiência de antigo chefe da comissão das Forças Armadas da Assembleia Nacional. “O Exército se tornou a única fonte de autoridade do presidente Maduro”.

O deputado Júlio Borges, da Mesa da Unidade Democrática (MUD), coalizão de grupos de oposição, reitera que Maduro entregou as chaves do Palácio Presidencial de Miraflores a um chefe militar incapaz de lidar com a crise econômica, o que significaria “mais corrupção e menos produção”. “Formou-se um quadro notável”, diz Borges. “Generais do Exército, agora, a cargo de empresas de importação de alimentos.”

Maduro, de forma deliberada, vai colocando os oficiais militares a par do que “se passa de fato”, talvez com agenda de uma renúncia negociada. Mas, arriscam analistas, a militarização carrega um risco, os quartéis podem se fortalecer popularmente e os militares acabem decidindo derrubar, eles próprios, as portas do palácio. Já houve um sequestro de helicóptero.

Num grau logo abaixo do general López, outro general, Efraín Velasco, assumiu o comando da Autoridade Nacional dos Portos. Ela terá controle direto dos cinco maiores portos da Venezuela: Maracaibo, Puerto Cabello, Guamache, Cuenta e La Guairá. Também foi assinado decreto que obriga todas as empresas, públicas e privadas, a colocarem seus funcionários à disposição do governo. Serão mandados aos campos com a tarefa de encarar a crise de abastecimento de alimentos. Trabalho escravo, acusam ONGs.



ARI CUNHA

DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br  
com Circe Cunha // circecunha.dfgdabr.com.br

## A saída da crise ainda é pela porta da educação

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, dizia o poeta português Luís de Camões, no século 16. Mais do que as vontades, mudam-se até os referenciais de riqueza de uma nação. Se, no passado, o acúmulo de metais preciosos, como o ouro, indicava o nível de riqueza de um país, com o passar do tempo o critério cedeu lugar a outros indicativos mais ajustados à evolução da economia.

Com o aperfeiçoamento e emprego em larga escala da máquina a vapor no século 18, a aceleração da produção e o encurtamento no tempo de viagem revolucionaram a economia, transformando e tornando ricos os países que introduziram as novas máquinas no processo de produção. Em um salto para o presente, o que se verifica hoje é que a alta tecnologia, empregada em todos os setores da economia, se transformou no grande referencial de riqueza de um país. Mas, para que uma nação atinja esse ponto de excelência, é preciso um longo trabalho de educação da população.

O consenso atual entre os economistas é que um país rico não é aquele que apenas resolveu, de modo satisfatório, o problema da pobreza e da miséria, mas, sobretudo, aquele em que os níveis de educação oferecidos à população são considerados avançados e de ótima qualidade. Desse modo, o indicativo de riqueza deixou de ser um bem material e passou a ser representado por algo aparentemente abstrato, cujos efeitos são palpáveis, concretos e duradouros. Rico é um país educado.

No ranking dos 10 países mais ricos do mundo, absolutamente todos apresentam excelentes níveis de educação oferecida à população. Neste sentido, causa grande preocupação que, repetidamente, o Brasil venha aparecendo nas derradeiras posições sempre que são apresentados os resultados da avaliação de estudantes em qualquer área do conhecimento. Pelos dados que agora chegam do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), uma prova coordenada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), aplicada, em 2015, entre os 35 membros dessa entidade, e mais 35 países parceiros, o desempenho dos estudantes brasileiros em ciências, leitura e matemática mostrou uma queda acentuada, colocando o país na 63ª posição em ciência, 59ª, em leitura, e no 66º lugar, em matemática. Praticamente, os últimos lugares. É um vexame e uma vergonha, para todos nós, que nossos alunos apareçam colocados nessa posição, o que demonstra que temos muito a fazer se quisermos, algum dia, tirar o país da condição de subdesenvolvido e fornecedor de matérias-primas baratas.

Relatório apresentado pelo Banco Mundial demonstra que o Brasil, a continuar nesse passo lento em educação, necessitará, pelo menos, de 260 anos para atingir o nível educacional de países desenvolvidos em leitura e 75 anos em matemática. Para os especialistas, existe uma crise de aprendizagem que afeta grande parte do Ocidente, mas, no Brasil, esse problema assume contornos de um verdadeiro flagelo, capaz de tolher o futuro de milhões de jovens. Análises do relatório mostram ainda que cidadãos mais bem educados tendem a valorizar mais a democracia.

### » A frase que foi pronunciada

“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele.”

Immanuel Kant

### Leitores

» Nossa leitora Regina Ivete, ao ler a notícia da Biblioteca de Portas Abertas, se lembrou que até hoje a Biblioteca Demonstrativa de Brasília está inativa. Então, nem vamos tocar no assunto Teatro Nacional.

### Sem cultura

» Gerida pela Secretaria de Educação, a Escola de Música de Brasília paga pela ignorância administrativa. Para ensaiar uma ópera, por exemplo, é preciso de um pianista, do regente e do cenógrafo. A pergunta dos burocratas. Mas três professores para 30 alunos? Sim. Um pianista não rege e um cenógrafo não toca piano.

### Atualização

» Uma resolução da Adasa, daquelas que ninguém entende para quê e para quem, vige em salas comerciais da seguinte forma. Há um valor

mínimo a pagar pela água. Consumida ou não, o comerciante deve desembolsar o equivalente a 10 metros cúbicos de água, por volta de R\$ 70, o que traz dois problemas. O primeiro é pagar pelo que não consumiu (o que é um abuso inquestionável) e o segundo é gastar a água abundantemente, já que está pagando por ela (é direito, mas estamos em crise hídrica). Por isso, está na hora de repensar esse lucro pelo desperdício e o consumidor pagar apenas o que gasta.

### Leitor

» Estilo inconfundível, Vicente Limongi Netto não pede para registrar o aniversário da grande figura humana e profissional Laércio Gomes Gonçalves. Médico dos mais conceituados em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Goiás, Laércio tem clínica no Lago Sul, onde recebe amigos e pacientes com competência, fidalguia e carinho.

### » História de Brasília

As informações acima, foram ouvidas de um deputado, uma das vozes tradicionais do parlamento. Agora, a nossa opinião: é uma vergonha, um deputado fazer a chantagem da apresentação de um voto de censura condicionado a imposições políticas, dependendo de nomeações de apadrinhados. (Publicado em 14/10/1961)